

## No meio da correnteza: o “norteado” da experiência humana

Cecília Canalle Fornazieri<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa a situação do “desnorteado” do homem contemporâneo mergulhado no relativismo e na perda da obediência ao real a partir de uma breve retomada histórica da sua relação existencial com o mundo à sua volta nos últimos sete séculos. E propõe a literatura, aqui representada pela pelo clássico de Guimarães Rosa: Grande Sertão: veredas, como uma contribuição por meio da qual o leitor contemporâneo é provocado a identificar os valores que lhe são fundantes a despeito de todas as divergências e distintas representações sobre o que pode lhe ser um bem. Destaca-se, aqui, a título de exemplificação, o julgamento de Zé Bebelo e, posteriormente, o grande embate entre os diversos bandos de jagunços que se unem para enfrentar Hermógenes que havia assassinado o grande chefe Joca Ramiro na cena em que há a matança dos cavalos a fim de verificar se o norteado do homem, seja em que tempo ele viver, permanece nele inextirpável fazendo despontar uma experiência humana mais genuína.

**Palavras-Chave:** homem contemporâneo, leitor, literatura, Grande Sertão: veredas, Guimarães Rosa

**Abstract:** This article analyzes the situation of contemporary mankind overwhelmed by relativism, out of touch with reality, directionless and bereft of a moral compass. It does this by briefly reviewing man's existential relationship with his surrounding world over the last seven centuries. It proposes to use literature, here exemplified by Guimaraes Rosa's classic “Grande Sertão: veredas” (“The Devil to Pay in the Backlands”), as the way a reader is led to identify foundational values despite all the distinct and sometimes divergent definitions of goodness. It focuses especially on Ze Bebelo's judgement and afterwards the battle between various “jagunço” (rural bandits) bands that unite to confront Hermogenes, the assassin of the great bandit leader Joca Ramiro in the poignant scene of the killing of wounded horses. The point is to explore whether man still retains his fundamental moral sense, the ineradicable source of a genuinely humane experience, regardless of his circumstances.

**Keywords:** contemporary man, reader, literature, The Devil to Pay in the Backlands, Guimaraes Rosa.

### Breves apontamentos sobre as origens do leitor contemporâneo

Para se ler, é necessário existir um eu, um sujeito que - em diálogo com o texto - se entregue a ele, se digladie com ele, discuta com ele, enfim, que se oponha ou não a ele; mas que exista como um sujeito. Quanto mais consistente o leitor, mais a leitura pode atingir níveis exponenciais de experiência existencial. E por onde anda o sujeito do leitor contemporâneo? Que tipo de sujeito se encontra do outro lado das telas e dos livros? Para esta compreensão, faz-se necessário uma retomada – ainda que muito breve – de como o homem, nos últimos 700 anos, tem concebido a sua existência, como entende a relação dele com o mundo a sua volta porque esse modo de olhar o mundo determina tudo e, portanto, a relação leitor/texto.

Explicitamente ou não, o homem sempre buscou a verdade. Essa busca milenar partiu da realidade como algo auto evidente cuja descrição almejada visava ser a verdadeira. A verdade, entendida como a define Santo Tomás de Aquino, como sendo aquilo que é, ou seja, a correspondência entre o real e sua enunciação: “*a verdade de cada coisa é aquela propriedade de seu ser que lhe foi estabelecida*”<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Especialista em linguagens pela Unicamp, mestre e doutora em Educação pela USP. Profa. de Comunicação da Fatec Sebrae. E-mail para contato: [ceciliacanalle@gmail.com](mailto:ceciliacanalle@gmail.com).

<sup>2</sup> S. Tomás cit. por LAUAND. *O que é uma Universidade?*, p.101. Summa Theologica, I-II, 32,8.

Ou no dizer de Marias, “*a verdade é a presença da própria realidade, que não é minha, mas da realidade*”. Ainda que com grande número de circunstâncias “*igualmente objetivas e reais, provenientes da totalidade das perspectivas*” (1966, p.127). Ou como a define Ortega y Gasset se valendo de terminologia biológica: “*a verdade é a regulação do organismo*” (2002, p.25), no sentido de que o problema é uma inquietude e a verdade seu repouso respectivo.

A essa ideia de verdade como correspondência, pouco defendida pelos filósofos contemporâneos, somava-se o fato de que, ao perscrutarmos o finito, acabaríamos por vislumbrar o infinito, o nexos entre o efêmero e o seu sentido último. O conhecimento, portanto, segundo Tomás de Aquino, desvenda o *ordo* e a *ratio* do mundo: sinais da presença do Deus Criador. A busca pelo conhecimento, o *desiderium sciendi* a que se refere o filósofo do século XIII cumpria, assim, a dupla função de responder a essa necessidade humana de compreensão do real e do sentido da existência. Provavelmente, até o final da Idade Média, essa dupla função nem era percebida como uma díade, mas como uma atividade única cuja cisão, impensável, levaria o homem a uma experiência esquizofrênica em relação à vida.

Desde a Antiguidade, o homem reconhecia em Deus o horizonte último da sua vida, esse ponto muito maior do que ele; mas, absolutamente, necessário às suas exigências existenciais. Escritos como os de Homero tanto na *Iliada* quanto na *Odisséia*, apresentam o homem como num contínuo relacionamento com o divino - obedecendo-o ou não -, mas colocando e recolocando todos seus esforços e desejos nas mãos dos deuses. Tinham consciência, particularmente os grandes heróis, de que a vida dependia de fatores imponderáveis, misteriosos; mas eram marcados por seu desejo de infinito, de “*ultrapassar as colunas de Hércules*” como nos lembra Dante, no canto XXVI da *Divina Comédia*, ou o de “*passar além do Bojador*”<sup>3</sup> como nos versos de Pessoa: “*Deus quere, o homem sonha, a obra nasce.*”<sup>4</sup>, eis a síntese expressa no poema “O Infante”, escrito em 1934, mas que descreve bem a posição existencial do homem até o século XIII.

A partir do Humanismo, no século XIV, o homem começa a fazer um giro de cento e oitenta graus. Deus não é negado como destino, mas eclipsado pelos grandes feitos e descobertas do homem como se o desenvolvimento e as descobertas fossem indesejáveis por Deus ou lhe reduzissem a importância. O desejo do sucesso pessoal passa a ser mais importante do que o ideal de bem, a ideia do homem como ser capaz de dar conta de sua própria felicidade pela força de suas ações ganha corpo. As geniais e numerosas descobertas científicas enfatizam ainda mais o caráter de poder do homem. A capacidade de dominar a natureza por meio da razão, aprofunda sua experiência de poder. Deus não desaparece para o homem desse tempo, mas vai se tornando cada vez mais um ente etéreo, por isso, menos cristão, sem incidência na vida, portanto, também, irrelevante àqueles que – paradoxalmente – mais se interessam pela vida. A tradição se esvazia, mas ainda não é eliminada. Será feita uma passagem sutil da fé em um Deus abstrato para a fé na natureza concreta e criadora, fonte do que é bom e das energias humanas.

O homem, como explica Romano Guardini, “*perseguirá a natureza para aprendê-la empiricamente e para determinada teoria, não mais se consumindo na meditação da verdade e, partindo dela, constituindo espiritualmente a existência.*” (1950, p.25). Na Idade Média, prossegue, “*a natureza é criação de Deus, significa a totalidade das coisas em sua ordem e em sua unidade, porém não como um ser autônomo, mas como obra de Deus soberano*” (p.34). Uma natureza, como explicará o

---

<sup>3</sup> “Mar Portuguez” (...) Quem quere passar além do Bojador/Tem que passar além da dor./Deus ao mar o perigo e o abysmo deu./Mas nelle é que espelho o céus. In *Mensagem*, 1981, p.16.

<sup>4</sup> “O Infante” in *Mensagem*, 1981, p.11.

filósofo espanhol contemporâneo, José António Marina, que é conjunto de vestígios divinos, à espera de nossas perguntas (1995, p.139).

Com o esvaziamento da ideia de Deus, a natureza é exaltada como parâmetro significando o impulso, o espontâneo, fazendo com que o bem seja identificado como instinto. São os primeiros delineamentos da ideia de que cercar os instintos do homem é uma atitude que vai contra esse mesmo homem. A autoridade está posta em crise: o homem tem a si, sua razão e sua capacidade de dominar a natureza. “*Pareceu ao homem ter-se tornado verdadeiramente o dono de si mesmo. Por isso, o ‘Dominus’, que tem direito de decidir sobre a vida e sobre os cosmos, não é mais Deus, mas o próprio homem através da sua razão.*” (GIUSSANI, 1988, p.32).

Isso gera, segundo o mesmo autor, uma espécie de “*síndrome do otimismo*” afirmado como certeza dogmática: “*Trata-se de um confiante otimismo introduzido antes pelo Humanismo, ampliado pelo Renascimento e depois consagrado definitivamente pelo Racionalismo.*” (idem, p.41) As decorrências nos são conhecidas. O homem impõe-se sobre o real e inverte a relação explicitada por José Antonio Marina entre verdade e realidade: “*Ao que é rejeitado pela realidade chamamos de falso. Às invenções conceptuais, imaginativas ou de qualquer tipo, que a realidade ainda não rejeitou chamamos provisoriamente de verdadeiras.*” (1995, p.44)

A percepção da realidade vai sendo reduzida, com o decorrer dos séculos, aos limites de sua própria razão. Esse modo de pensar fragiliza a capacidade do homem de avaliar o que está à sua volta e o arremessa a um subjetivismo impressionante. Sente-se perdido, mas se nega a obedecer a alguém. Como o homem necessita de ajuda para encontrar o seu caminho, ocorre um paradoxo: sua aparente liberdade total torna-o refém daqueles que se apresentam como autoridade disfarçada, ou seja, com promessas de que – fazendo o que está sendo anunciado – o homem poderá fazer só o que quiser. Essa estrutura falaciosa de comunicação é central porque a autoridade apresentada como tal será negada, veementemente, em nome de sua suposta autonomia. Contudo a sua estrutura interna que exige sentido existencial e a inevitabilidade da morte que aflora o seu vazio perseguem o homem (MARÍAS, 1966, p.85-87). Daí que tudo favorece o desejo de viver um *carpe diem* desenfreado. Se é difícil encontrar sentido no presente, que dirá um como ponto último da existência. O projeto é o agora; a verdade: o hedonismo e, em caso de conflito: o consenso, a votação, o acordo.

Além disso há um outro paradoxo nesse homem hostil à autoridade externa a ele mesmo: a passividade diante da vida. Talvez mais o discurso do que qualquer outra atividade, seja de autonomia, o fato é que esse homem “*vazio de si próprio*” na expressão de Marías (1966, p.86), espera quase tudo de seu contorno social, é pouco propositivo e muito acusativo. Está longe de ser protagonista, é antes alguém dependente das modas das redes sociais.

Dessa forma o relativismo se instala por completo na cultura contemporânea e torna necessário que o homem renuncie a posse da verdade total ao reduzi-la aos limites do que consegue possuir. Julián Marías esclarece de modo definitivo esse fato: “*Verdade e falsidade, para ele, dependem da necessidade, possibilidade ou impossibilidade de que eu pense algo. O pressuposto do relativismo é uma nova discordância: a que existe entre a realidade, absoluta e única, e as condições variáveis em que o pensamento trabalha.*” (MARÍAS, 1966, p.121).

Esses deslocamentos sucessivos do eixo “Homem/Deus” para “Homem/Natureza” e “Homem/Ele mesmo” geraram a crise do par “Realidade/Verdade” que, por sua vez, causou um efeito dominó sobre toda a busca do conhecimento e atingiu, profundamente, todas as relações o que inclui, portanto, a

díade texto/leitor. Se a verdade é uma projeção bem pouco objetiva, tudo perde valor. E o ato de conhecer se torna cínico.

Ao entender que suas ideias são soberanas em relação à realidade, o homem perde o caminho para encontrar a verdade das coisas com as quais se relaciona. Escolhe para si uma navegação sem mapa se auto reduzindo a um herói pícaro. Acredita que – ao se deixar solto na água do rio – é livre. Vê-se – antes que livre – dominado pelo fluxo da correnteza. Está sem mapa por escolha e não sabe mais qual seu rumo, logo sente uma exaustão nova: a exaustão moderna das marés contínuas e com movimentos externos a si. Mas, eis que então, começa a acontecer algo muito interessante. Essa sensação de mal-estar, de não correspondência entre o desejo e a realidade, geram no homem uma inquietude: no meio dessa confusão e “desrumo”, haveria algum “norteador” maior do que o pântano da alma? Algo que pudesse ser encontrado em uma das características da literatura clássica a imutabilidade de suas histórias, a impossibilidade de as alterarmos segundo nossas projeções e desejos como nos explica Umberto Eco em *Sobre a literatura?*

Propomos a retomada de *Grande Sertão: veredas* de Guimarães Rosa, em particular, o julgamento de Zé Bebelo seguido pelo trecho antológico da matança dos cavalos a fim de verificar se, no meio do desnorteador, desponta a experiência humana mais genuína.

### **No meio da correnteza: o “norteador” da experiência humana**

O *Grande Sertão: veredas* é um livro de filosofia poético-narrativo: tem história, busca de sentido das coisas e metáforas sem fim. É narrado em primeira pessoa na voz do ex-jagunço e chefe de bando Riobaldo. Ele já está velho e conta a sua história a um doutor com quem dialoga sem que nunca se registre resposta de seu interlocutor, mas sua presença insufla a necessidade de explicar-lhe bem, tirando-lhe as “plicas”, as pregas como indica a etimologia de explicar.

A estrutura “dialogada” gera a confiança de que se sejam histórias reais, acontecidas de fato e expostas e desafiadas, agora, com o narrador já idoso, em sua legitimidade existencial. Esse recurso faz com que o leitor esqueça que sejam memórias tal a capacidade de Rosa em torná-las presentes a ponto do leitor se ver torcendo para alterar o resultado de fatos já acontecidos: o autor nos faz passar pelo ridículo de torcer assistindo ao vídeo tape da história e permite que não apenas se narrem fatos, mas se busque a compreensão do ocorrido.

O que Riobaldo busca em cada uma das quase 700 páginas deste livro é descobrir o quê e em si de cada coisa, o tal “quem das coisas”, a *quidditas*.<sup>5</sup>

“Aprendi um pouco foi com o compadre meu Quelemém, mas ele quer saber tudo diverso: quer não é o caso inteirado em si, mas a sobre-coisa, a outra-coisa.”

Ela começa com Riobaldo sendo professor de Zé Bebelo este – em certo momento – decide formar um bando para acabar com os jagunços e convida seu mestre. Riobaldo aceita por um curto período abandonando o grupo. Mas vai retomar a vida de jagunço ao encontrar Diadorim pertencente ao bando do grande Medeiro Vaz.

---

<sup>5</sup> A *quidditas* é um tema recorrente em sua obra: “Queria era que se achasse para ele o quem das coisas!”. Ver: Entremeio com o vaqueiro Mariano in *Estas Estórias*, 2002.

Cada período de sua trajetória é marcado pelo encontro com uma ou mais pessoas que se tornam, osmoticamente, seus mestres. Riobaldo aprende vendo-os agir diante do real, observando como se movem. Testemunha como Zé Bebelo julga, se impressiona como Medeiro Vaz lida com os conflitos e escolhe bons rumos para o bando. Mas o maior mestre é Joca Ramiro: o terceiro e maior chefe de Riobaldo. Sua sabedoria e justiça eram conhecidas por uma vastíssima área, era respeitado e obedecido por isso. Sua palavra valia para sempre. Riobaldo se tornará chefe e desejará ser como eles. Mas antes disso haverá o famoso julgamento de Zé Bebelo que mudará o rumo da história.

“É no junto do que sabe bem, que a gente aprende o melhor...”

Zé Bebelo, como já dito, tem por objetivo acabar com a jagunçagem. Certa vez, defronta-se com o famoso bando de Medeiro Vaz. Perde, mas não é morto. Ao contrário, é levado a um histórico julgamento em que o odiado chefe é libertado. O momento é de assembleia geral. Todos que desejam podem argumentar. Aqui, fala o chefe Titão Passos:

“O que eu acho é o seguinte: que este homem não tem crime constável. Pode ter crime para o Governo, para delegado e juiz-de-direito, para tenente de soldados. Mas a gente é sertanejos, ou não é sertanejos? Ele quis vir guerrear, veio – achou guerreiros! Nós não somos gente de guerra? Agora, ele escopou e perdeu, está aqui, debaixo do julgamento. A bem, se, na hora, a gente tivesse falado fogo nele, e matado, aí estava certo, estava feito. Mas o refrego de tudo já passou. Então, isso aqui é matadouro ou talho?... Ah, eu, não. Matar, não. Suas licenças.”

Depois de ouvir pacientemente, o grande Joca Ramiro “um imperador de três alturas!” que “sabia o se ser, governava” e cujo “nome dele não podia à toa se babujar” pronuncia a sentença:

– “O julgamento é meu, sentença que dou vale em todo este norte. Meu povo me honra. Sou amigo dos meus amigos políticos, mas não sou criado deles, nem cacundeiro. A sentença vale. A decisão. O senhor reconhece?”

– “Reconheço” – Zé Bebelo aprovou, com firmeza de voz, ele já descabelado demais. (...)

– “Bem. Se eu consentir o senhor ir-se embora para Goiás, o senhor põe a palavra, e vai?”

– “A palavra e vou, Chefe. Só solicito que o senhor determine minha ida em modo correto, como competence.” (...)

- Mas, agora, com sua licença, a pergunta faço: pelo quanto tempo eu tenho de estipular, sem voltar neste Estado, nem na Bahia? Por uns dois, três anos?”

– “Até enquanto eu vivo for, ou não der contra-ordem...” Joca Ramiro ai disse, em final. E se levantou, num de repente. Ah, quando ele levantava, puxava as coisas consigo, parecia – as pessoas, o chão, as árvores desencontradas. (...) Diadorim me chamou, fomos caminhando, no meio da queleléia do povo. Mesmo eu vi o Hermógenes: ele se

amargou, engolindo de boca fechada. – “Diadorim” – eu disse – **“esse Hermógenes está em verde, nas portas da inveja..”** Mas Diadorim por certo não me ouviu bem, pelo que começou dizendo: – “Deus é servido...” (grifo nosso)

O senso de justiça de Joca Ramiro em muito vai deixar Hermógenes, um cabra violentíssimo, “verde, nas portas da inveja...”. Isso vai levá-lo a matar, posteriormente, Joca Ramiro fazendo com que os bandos de diferentes chefes se unam para vingar sua morte perseguindo Hermógenes. Um dos chefes que se voltam para essa perseguição é nada mais nada menos que o sentenciado: Zé Bebelo. A experiência que ele fez de justiça e de respeito no julgamento presidido por Joca Ramiro faz com que o condenado arrisque sua vida para vingar seu juiz! De fato, Diadorim, também, tinha razão: Deus havia sido servido naquele julgamento, a verdade e a justiça tinham vingado.

Observe-se que o leitor é desafiado em seu senso de justiça. Não há nada de lamacento nessa compreensão da realidade e obedecê-la pode ser simples, mas não barato. Zé Bebelo sabe que arrisca a sua vida para enfrentar um dos homens mais temidos do sertão.

Está, portanto, estabelecida a guerra de todos contra Hermógenes e seu companheiro Ricardão. Ora, por que homens que vivem no desnorteado das matanças quando diante da visível e aguda injustiça se juntam mesmo os rivais contra o mal do Hermógenes? Então o norteado estava lá, bem guardado dentro deles todos?

Em certo momento, os bandos se enfrentam Riobaldo, Zé Bebelo, Diadorim... todos juntos estão encurralados em uma fazenda. E os hermoógenes atingem o coração do adversário: os cavalos! E o que é um cavalo para um sertanejo? A seguir algumas das 262 vezes em que eles foram citados nessa obra.

“Só cavalo sozinho podia fugir, mas os homens no chão, no cata, cata. Ao que, a gente atirava! Se morria, se matava, matava? Os cavalos, não.”

“Crime, que sei, é fazer traição, ser ladrão de cavalos ou de gado... não cumprir a palavra...”

“Ah, os cavalos na madrugada, os cavalos!...” – de repente me lembrei, antiquíssimo, aquilo eu carecia de rever. Afoito, corri, compareci numa janela – era o dia clareando, as barras quebradas. O pessoal chegava com os cavalos. Os cavalos enchiam o curralão, prazentes. Aquela travessia durou só um instantezinho enorme. Mesmo que os cavalos nossos indo iam devagar, que é como se vai, quando todos rezando sozinhos em cima deles, devagar duma procissão. Não se perturbou palavra.”

“Cavalo que ama o dono até respira do mesmo jeito.”

Os cavalos são os grandes companheiros dos sertanejos, são parceiros de luta, executam os desejos e necessidade do dono com excelência e concordância e, sendo eles mesmos uma autoridade, se submetem ao dono. O jagunço reconhece a sua realeza, sua “bondade” para com eles. Matá-los - sabiam bem os Hermógenes - era atingir o inimigo no centro do seu afeto. Eis que, então, Rosa constrói um dos momentos mais dramáticos estranhos do livro. Dramático porque será de grande

sofrimento, estranho porque esse sofrimento não nasce da matança voluntária dos homens, mas do sentimento de injustiça diante de animais bons e fiéis que não pertenciam aquela luta. Seu desfecho é surpreendente.

– “A que estão matando os cavalos!...”

Arre e era. Aí lá cheio o curralão, com a boa animalada nossa, os pobres dos cavalos ali presos, tão sadios todos, que não tinham culpa de nada; e eles, cães aqueles, sem temor de Deus nem justiça de coração, se viravam para judiar e estragar, o rasgável da alma da gente – no vivo dos cavalos, a torto e direito, fazendo fogo! Ânias, ver aquilo. Alt’-e-baixos – entendendo, sem saber, que era o destapar do demônio – os cavalos desesperaram em roda, sacolejados esgalopeando, uns saltavam erguidos em chaça, as mãos cascantes, se deitando uns nos outros, retombados no enrolar dum rolo, que reboleou, batendo com uma porção de cabeças no ar, os pescoços, e as crinas sacudidas esticadas, espinhosas: eles eram só umas curvas retorcidas! (...) Iam caindo, quase todos, e todos; agora, os de tardar no morrer, rinchavam de dor – o que era um gemido alto, roncado, de uns como se estivessem quase falando, de outros zunido estrito nos dentes, ou saído com custo, aquele rincho não respirava, o bicho largando as forças, vinha de apertos, de sufocados.

– “Os mais malditos! Os desgraçados!”

O Fafafa chorava. João Vaqueiro chorava. Como a gente toda tirava lágrimas. Não se podia ter mão naquela malvadez, não havia remédio. À tala, eles, os Hermógenes, matavam conforme queriam, a matança, por arruinar. (...) A pura maldade! A gente jurava vinganças. (...) Aquilo pedia que Deus mesmo viesse, carnal, em seus avessos, os olhos formados. Nós rogávamos as pragas. Ah, mas a fé nem vê a desordem ao redor. Acho que Deus não quer consertar nada a não ser pelo completo contrato: Deus é uma plantação. A gente – e as areias. Aturado o que se pegou a ouvir, eram aqueles assombrados rinchos, de corposo sofrimento, aquele rinchado medonho dos cavalos em meia-morte, que era a espada de aflição: e carecia de alguém ir, para, com pontaria caridosa, em um e um, com a dramada deles acabar, apagar o centro daquela dor. Mas não podíamos! (...) Antes estavam perguntando por piedade.

– “Arre, eu vou lá, eu vou lá, livrar da vida os pobrezinhos!...” – foi o que o Fafafa bramou. Mas não deixamos, porque isso consumava loucura. Não dava dois passos no eirado, e ele morria fuzilamento, em balas se varava, ah. Agarramos segurado o Fafafa. A gente tinha de parar presa dentro de casa, combatendo no possível, enquanto a ruindade enorme acontecia. O senhor não sabe: rincho de cavalo padecente assim, de repente engrossa e acusa buracões profundos, e às vezes dão ronco quase de porco, ou que desafina, esfregante, traz a dana deles no senhor, as dores, e se pensa que eles viraram outra qualidade de bichos, excomungadamente. O senhor abre a boca, o pelo da gente se arrupeia de total gastura, o sobregelo. E quando a gente ouve uma porção de animais, se ser, em grande martírio, a menção na ideia é a de que o mundo pode se acabar. Ah, que é que o bicho fez, que é que o bicho paga? Ficamos naquelas solidões. (...) Não podíamos! E que era que queriam esses Hermógenes? De certo seria tenção deles deixar aqueles relinchos infelizes em roda da gente, dia-e-noite, noite-e-

dia, dia-e-noite, para não se aguentar, no fim de alguma hora, e se entrar no inferno? Senhor então visse Zé Bebelo: ele terrivelmente todo pensava – feito o carro e os bois se desarrancando num atoleiro. Mesmo mestrememente ele comandava: – “Apuremos fogo... Abaixado...” –; fogo, daqui, dali, em ira de compaixão. Adiantava nada. Com pranchas de munição que a gente gastasse, não alcançávamos de valer aos animais, com o curral naquela distância. Atirar de salva, no inimigo amoitado, não rendia. No que se estava, se estava: o despoder da gente. O duro do dia. A pois, então, me subi para fora do real; rezei! Sabe o senhor como rezei? Assim foi: que Deus era fortíssimo exato – mas só na segunda parte; e que eu esperava, esperava, esperava, como até as pedras esperam. (...) Aqueles cavalos suavam de derradeira dor.

Nada, aqui, corresponde ao desejo humano. Era como havia dito Titão Passos quando do julgamento de Zé Bebelo: “Então, isso aqui é matadouro ou talho?... Ah, eu, não. Matar, não. Suas licenças.” Aquele chefe havia dito isso sobre matar - sem “ser no quente da luta” - o inimigo. E aquilo? Podia? “Aquele rincho não respirava”, “os cavalos mal morridos, os nossos cavalos!”. Ora! “Aquilo pedia que Deus mesmo viesse, carnal, em seus avessos, os olhos formados” pra “apagar o centro daquela dor” porque “rincho de cavalo padecente assim, de repente engrossa e acusa buracões profundos.” Mas eles não podiam, “no que se estava, se estava: o despoder da gente.”

Mas eis que, na beira do abismo da alma, no desnortado de tudo, acontece o impensável: “eles, cães aqueles, sem temor de Deus nem justiça de coração, se viravam para judiar e estragar, o rasgável da alma da gente...”, também, não suportam mais o “rinchado medonho dos cavalos em meia-morte”: se comovem.

“Que eles – quem havia de não crer? – que eles mesmos agora estavam atirando por misericórdia nos cavalos sobreferidos, para a eles dar paz. Ao que estavam. – “As graças a Deus!...” – exclamou Zé Bebelo, alumiado, com um alívio de homem bom. – “Ah, é marmo!” – o Alaripe exclamou também. Mas o Fafafa nem nada não disse, não conseguia: o quanto pôde, se assentou no chão, com as duas mãos apertando os lados da cara, e cheio chorou, feito criança – com todo o nosso respeito, com a valentia ele agora se chorava.

E o que se passou a seguir? Sobreveio um breve descanso da alma e se fez um lugar onde todos habitavam.

Aí, então, se esperou. Durado de um certo tempo, descansamos os rifles, nem um tirozinho não se deu. O intervalo para deixar a eles folga de matarem em definitivo nossos pobres cavalos. Mesmo quando o arraso do último rincho no ar se desfez de vez, a gente ainda se estarrecia quietos, um tempo grande, mais prazo – até que o som e o silêncio, e a lembrança daquele sofrer, pudessem se enralear embora, para algum longe.



## Conclusão

E homem tem rumo? É possível ter “norteadado” em tempos de “desrumo”? A pergunta se inverte: é possível não o ter? Porque lá, no lugar mais terrível, no “rincho de cavalo padecente” que “engrossa e acusa buracões profundos” o homem permanece inteiro, seja Hermógenes, seja Joca Ramiro. E o mundo, ora o mundo! O mundo volta a começar.”<sup>6</sup>

Sempre sei, realmente. Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pelejei para achar, era uma só coisa – a inteira – cujo significado e vislumbrado dela eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver – e essa pauta cada um tem – mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse norteadado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é.

Pode haver pântano, pode-se afirmar ou negar a realidade e, conseqüentemente a verdade, mas existe o norteadado. Somos a terceira<sup>a</sup> margem do rio.

Depois de tantas guerras, eu achava um valor viável em tudo que era cordato e correntio, na tiração de leite, num papudo que ia carregando lata de lavagem para o chiqueiro, nas galinhas-d’angola ciscando às carreiras no fedegoso-bravo, com florezinhas amarelas, e no vassoural comido baixo, pelo gado e pelos porcos.

## Bibliografia

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

ECO, Umberto. *Sobre a Literatura – Ensaios*, Rio de Janeiro: Record, 2003.

GIUSSANI, Luigi. *O Senso Religioso*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2000.

GUARDINI, *El fin de los tiempos modernos*, Buenos Aires: Editorial SUR, 1950

MARÍAS, Julián. *Introdução à Filosofia*, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1966.

MARINA, José Antonio. *Teoria da Inteligência Criadora*, Lisboa: Caminho da Ciência, 1995.

ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones del Quijote in Obras Completas*, Madrid: Revista de Occidente, vol I, 1966.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981.

---

<sup>6</sup> Do Grande sertão, quando da ajuda que Riobaldo dá a mulher miserável que está parindo.

ROSA, Guimarães. Estas Estórias, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

\_\_\_\_\_. Grande Sertão: veredas, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. “A terceira margem do rio”. In: \_\_\_\_\_. Ficção completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

Recebido para publicação em 16-06-19; aceito em 18-07-19